

CINEMA EXPERIMENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Nathany Helena Freitas da Silva

Kaio Henrique Aguiar Alves

Centro Pedagógico da Universidade Federal Minas Gerais

Orientador: Sílvia Amélia Nogueira de Souza

Co-orientador: Tiago Pereira da Silva

silviaameliaufmg@gmail.com

RESUMO

O contato mais frequente das crianças com o Audiovisual se dá como espectadoras de séries de Animação, longas metragens de Animação e também séries realizadas em Filmagem Direta (*live action*). Algumas questões importantes surgem desse contato em relação à formação humana dessas crianças. Embora atualmente contemos com diversas produções brasileiras de séries de Animação e Filmagem Direta (*live action*) em canais abertos e pagos que garantem o acesso à muitas crianças brasileiras, esse mercado ainda é em sua maioria dominado por produções estadunidenses. Considera-se nesse contexto a hipótese de que, enquanto formação de pensamento crítico e cidadania, as crianças crescem com referências culturais e até mesmo ideológicas estranhas à nossa realidade. Enquanto formação estética, crescem com referências limitadas aos padrões de mercado dos produtos estadunidenses, uma vez que, mesmo os produtos comerciais brasileiros seguem esses padrões. Partindo-se desses pressupostos, objetiva-se apresentar o Cinema Experimental como “contraponto” a esse modelo, de modo a usá-lo como instrumento para formação estética e crítica. Para alcançar esse objetivo a escola se apresenta como meio propício. No caso do Centro Pedagógico (CP) da UFMG, temos ainda um público muito mais diverso, seja em nível sócio-econômico, cultural, étnico-racial, condições físicas ou mentais. Partindo das ideias de Paulo Freire, a metodologia aplicada para esse fim foi a “Educação Dialógica” através da exibição de curtas metragens com diálogos sobre as propostas estética, poética e temática dos filmes, contextualizando os filmes apresentados com as referências particulares das crianças. Enquanto pesquisa de recepção foi feita uma observação participante e diário de bordo. Seguindo a “Proposta Triangular” de Ana Mae Barbosa e as propostas de “Educação Sonora” de Murray Schafer foi proposto às crianças atividades práticas de produção de Animações, usando técnicas de Animação de grãos, com borra de café e canjiquinha de milho, Animação em película cinematográfica e Cadernos Animados. Buscou-se expandir os referenciais estéticos e estimular o pensamento crítico das crianças apresentando a diversidade disponível no campo da Arte e da Comunicação através do Audiovisual e através do diálogo foram estimuladas a se expressarem de forma sensível e reflexiva.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema Experimental, Cinema de Animação, Arte-Educação, Educomunicação, Infância.

INTRODUÇÃO

Aprovada em 26 de junho de 2014, a Lei nº 13.006 diz que: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à

proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (BRASIL, 26 jun. 2014). Encontramos no livro organizado por Adriana Fresquet, inúmeras limitações e possibilidades que se apresentam com a Lei, entre elas: “*O que está em jogo quando professores convidam crianças para verem ou para produzirem filmes na escola? Que fazer quando esse convite se torna uma obrigatoriedade?*” (FRESQUET, 2015, p. 69).

Ainda no livro, encontramos diversas referências à Programadora Brasil, como instrumento que por algum tempo garantiu a distribuição de filmes brasileiros em diversas regiões do país, em escolas, cineclubes e associações para exibições sem fins lucrativos. Há várias menções no livro de que ela foi desativada, mas no início deste ano o IFMG Campus Sabará conseguiu com o Ministério da Cultura uma doação de dois kits da programadora, contendo 206 DVDs, o que mostra de que ainda existem possibilidades de algumas escolas conseguirem o mesmo.

Contamos com diversos filmes de curta metragem na internet que são disponibilizados em canais dos próprios realizadores, e há também canais de instituições ligadas ao Cinema como os canais no *Youtube* do Anima Escola¹, Festival do Minuto² entre outros como o site Libreflix³, Afroflix⁴, CurtaDoc⁵ que disponibilizam um vasto e diversificado acervo de filmes e o Videocamp⁶, Porta Curtas⁷, Vídeo nas Aldeias⁸ que além de disponibilizarem filmes para acesso gratuito

¹ Site oficial do projeto Anima Escola. Disponível em: <<http://www.animaescola.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

² Site oficial do Festival do Minuto. Disponível em: <<http://www.festivaldominuto.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

³ Plataforma de streaming aberta e colaborativa Libreflix. Disponível em: <<https://libreflix.org/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁴ Plataforma de streaming colaborativa Afroflix, que disponibiliza conteúdos audiovisuais online com uma condição: que tenham pelo menos, uma área de atuação técnica/artística assinada por uma pessoa negra. Disponível em: <<http://www.afroflix.com.br/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁵ O CurtaDoc é um espaço dedicado ao documentário latino-americano. Disponível em: <<http://curtadoc.tv/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁶ Plataforma virtual Videocamp, que reúne filmes de impacto disponíveis para exibições públicas gratuitas. Disponível em: <<https://www.videocamp.com/pt>>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁷ Site oficial do Porta Curtas, um dos mais importantes portais de difusão do curta metragem brasileiro. Disponível em: <<http://portacurtas.org.br/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

e online também trabalham com formação de público e também formação de produtores de conteúdo audiovisual no caso do Vídeo nas Aldeias.

Considerando essa oferta de conteúdo com acesso livre para efetivação da Lei 13.006, cabe aos educadores o trabalho de realizar o que Solange Utuari chama de “curadorias educativas”, capazes de despertar nos alunos vivências estéticas, poéticas e críticas (FERRARI, 2012, p 44). Sobre a curadoria é importante ressaltar o cuidado necessário com Classificação Indicativa⁹ dos filmes selecionados para não expor as crianças a conteúdo impróprio.

Dito isso, usar a escola para reproduzir os mesmos conteúdos comerciais que já são oferecidos no dia-a-dia das crianças sob o pretexto de que não há conteúdo diferenciado disponível é um enorme equívoco por parte dos adultos responsáveis por mediar essa relação. Sobre o pretexto de que as crianças só gostam desses produtos comerciais, constatamos tanto na Mostra e Oficina de Cinema Experimental do CP realizada em 2018¹⁰, assim como em outra Mostra que realizamos em 2017¹¹, que essa afirmação não tem fundamento e pode ser entendida como um “pré-conceito”, comum ao se deparar com algo desconhecido.

[...] se tomarmos os filmes apenas como um meio através do qual desejamos ensinar algo, sem levar em conta o valor deles, por si mesmos, estamos olhando através dos filmes e não para eles. Nesse caso, seguimos tomando-os apenas como “ilustrações luminosas” dos conhecimentos que consideramos válidos, escolarmente. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 69)

Diante do desafio de apresentar filmes distintos daqueles que as crianças estão acostumadas, nos perguntamos: Como o cinema experimental é recebido pelas crianças desta faixa etária? Qual o papel do educador antes, durante e depois das sessões? Será que há diferenças de recepção e percepção, quando as crianças

⁸ Site oficial do projeto Vídeo nas Aldeias. Disponível em: <<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

⁹ Site do Ministério da Justiça onde encontram-se as principais referências sobre a Classificação Indicativa. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao>>. Acesso em: 10 set. 2018.

¹⁰ Site da Mostra de Cinema Experimental do Centro Pedagógico em 2018. Disponível em: <<https://sites.google.com/view/mostracentropedagogico2018/p%C3%A1gina-inicial>>. Acesso em: 10 set. 2018.

¹¹ Site da Mostra de Cinema Experimental do Centro Pedagógico em 2017. Disponível em: <<https://cinemaexperimentalbelas.wordpress.com/mostra-infantil/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

estão mais livres nas sessões? Como acontece a apreciação e experiência estética das crianças menores e das crianças maiores? Este artigo pretende apontar caminhos para se refletir sobre a presença do Cinema Experimental na escola, mesmo que não consigamos responder todas as perguntas que emergem da problemática que envolve acesso a cultura, massificação cultural e cinema.

OBJETIVOS

Nosso objetivo foi apresentar para as crianças um Cinema pautado por seu potencial estético, crítico e poético, como um contraponto ao modelo comercial que é predominante na relação que elas têm com o Audiovisual, fato que confirmamos nos diálogos que estabelecemos. Pretendemos com isso aumentar os referenciais estéticos das crianças através da “leitura” dos filmes, contextualizar essas referências com suas referências pessoais pautadas pelo modelo comercial e depois, através do fazer artístico, estimulá-las a se expressarem partindo desses referenciais, mas sempre com liberdade e estímulo para que criassem suas próprias formas de expressão partindo das referências apresentadas.

METODOLOGIA

Partindo da Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, onde o ensino de arte se baseia em “fazer, ler e contextualizar”, da proposta de Murray Schafer (SCHAFER, 1992, p. 291) onde dizia acreditar que nos anos iniciais deveria haver o que chamou de “estudo em sensibilidade e expressão”, e também de sua proposta de “educação sonora” onde propunha uma postura de escuta atenta do mundo, da proposta de “educação dialógica” de Paulo Freire (FREIRE, 2011, p. 140-141) onde afirma que uma educação transformadora e libertária se faz no diálogo entre as pessoas e não na transferência autoritária de conteúdos do professor para o aluno. Vale lembrar ainda da afirmação de Vigotski (VIGOTSKI, 2010, p. 354) de que a verdade deveria ser “a base da educação desde a mais tenra idade”.

Com a intenção de proporcionar às crianças todas essas propostas estéticas, poéticas e críticas, realizamos uma curadoria de filmes para a “Mostra e Oficina de Cinema Experimental para Crianças”, no Centro Pedagógico - UFMG, em 2018, com alguns filmes clássicos do Cinema realizados em película cinematográfica. A seleção passa por filmes da National Film Board do Canadá, em função da sua contribuição histórica para o Cinema Experimental e sua relação com o

desenvolvimento do Cinema de Animação no Brasil até filmes recentes de alguns artistas e festivais brasileiros. A base para a curadoria foi a relação dos filmes e artistas com a área da Educação.

Realizamos para cada turma uma sessão de filmes com diálogos entre as pessoas presentes e posteriormente uma sessão de atividades práticas, ambas com aproximadamente 80 minutos cada, sendo que foram atendidas 6 turmas, com crianças com idades entre 6 e 8 anos, do 1º ao 3º ano do 1º Ciclo de Formação Humana.

EXIBIÇÃO DE FILMES EXPERIMENTAIS NO CENTRO PEDAGÓGICO

Durante as exibições mediadas constatamos que não importa se o filme é colorido ou “preto-e-branco”, sonoro ou mudo, musical ou falado, abstrato ou figurativo para que prenda a atenção das crianças e ainda possa estimular nelas experiências estéticas. Constatou-se que diversão, novidades, estímulos sensíveis à curiosidade e expressão despertam o interesse das mesmas tanto quanto filmes comerciais.

Assim como na Mostra de 2017, na Mostra de 2018 houve menos resistência e preconceito por parte das crianças com a proposta de assistirem filmes distintos daqueles apresentados pelo modelo comercial. Algumas poucas crianças pediram alguns filmes comerciais e manifestaram grande atração pelos filmes apresentados, onde ocorreram algumas situações muito significativas, como veremos mais adiante.

Na exibição do filme *Un homme de têtes* (1898) de Georges Méliès, fizemos um paralelo com a magia, o que levou a um interessante diálogo sobre a ilusão que é o Cinema. No contexto da Educomunicação é extremamente importante explicitar e refletir sobre os mecanismos e interesses por trás desses objetos de comunicação. Um filme sem cor, mas que prendeu completamente a atenção e interesse das crianças. Isso levanta a hipótese de produções comerciais infantis ignoram o gosto de seu público.

Com o filme *Canon* (1964) de Norman McLaren e Grant Munro várias crianças se comunicavam com os personagens de recorte que apareciam e desapareciam de

cena, acenando para eles, dando boas-vindas e se despedindo. Na primeira ocorrência uma menina parecia conversar sozinha, mas ao se aproximar e observar sua conversa foi possível perceber que se tratava de um diálogo com os personagens do filme. Depois foi possível observar que outras crianças que conversavam durante a sessão, estavam conversando com o filme. Isso mostra que além das experiências atuais com tecnologia de exibição 3D para uma criança existem diversas outras possibilidades de imersão.

Com *Rainbow Dance* (1936) de Len Lye, conversamos sobre o processo de colorização da película e levamos um rolo de película para tocarmos no material. Conversamos sobre o fato de que em Belo Horizonte nós ainda temos a possibilidade de conhecermos de perto o sistema de projeção em película, no Cine Humberto Mauro e sobre os experimentos de Norman McLaren, Oskar Fischinger entre outros artistas que experimentaram criar sons pintando ou alterando a parte da película onde fica o registro do som. Sobre essa possibilidade de intervenção na película, temos hoje algo semelhante com o vídeo, onde através do aplicativo para celular *PhonoPaper*¹², é possível desenhar um padrão de imagens em um papel e “ler” essa imagem com o aplicativo que então reproduz um som para aquelas imagens.

Com a Animação *Manifesto Da Animação Total* (2006) de Diego Akel, conversamos sobre o papel político de um manifesto e sobre diferenças entre os modelos de Cinema de Animação comercial e Cinema de Animação artístico. Ainda sobre os filmes de Akel puderam perceber que ainda é possível fazer intervenções em filmes “antigos”, mesmo sem ter acesso à película do filme, como no caso do filme *Italianosopia* (2014) e como é possível ainda animar vários objetos do cotidiano.

Conversamos ainda sobre o artista Jonas Brandão, e como mesmo algumas pessoas que trabalham com Cinema de Animação comercial reconhecem e valorizam o potencial estético e educativo do Cinema.

Foram apresentadas as técnicas de Animação com areia, Animação quadro a quadro de pessoas vivas (*pixilation*) e filmes com efeitos visuais realizados em

¹² Página virtual da Google Play para download do aplicativo Phono Paper. Disponível em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=nightradio.phonopaper&hl=pt_BR>. Acesso em: 10 set. 2018.

edição de vídeo e captura de imagens com fundo em alguma cor padrão, geralmente azul ou verde (*chroma key*), através dos filmes de oficinas realizadas pelo Jonas Brandão e pelo projeto Anima Escola.

Conversamos ainda sobre o Anima Escola e o Anima Mundi e a importância de Festivais para a formação do público, principalmente quando estabelecem alguma relação com escolas, e para o desenvolvimento do Cinema, seja como produto comercial ou artístico. Felizmente hoje contamos com inúmeros festivais e mostras de Cinema no Brasil que valorizam o Cinema enquanto Arte.

Partimos então para o Festival do Minuto e a MUMIA - Mostra Mundial Udigrudi de Animação. Possibilidades para enviar filmes independentes que estão ao alcance de qualquer pessoa, independente de idade ou conhecimento técnico sobre produção audiovisual.

O Festival do Minuto acontece pela internet, geralmente com temas geradores para as produções e com votação também pela internet para escolher os melhores filmes. Com produções geralmente mais próximas do experimental e uma proposta de filmes de até 1 minuto conta com um enorme acervo de filmes que abrem espaço para diversos trabalhos em sala de aula, seja em exposições para discussão da temática ou como referências para experimentações artísticas. Ainda serve como espaço para enviar os trabalhos dos alunos, o que gera algum reconhecimento para os mesmos e uma certa apropriação desses canais de difusão de produtos culturais e divulgação de possíveis ideias passadas em seus trabalhos.

As crianças ainda puderam ver outras possibilidades de criações poéticas como no filme *Perspective* (2013) de Emerson Ambrosio que brinca com as regras de perspectiva criando interessantes ilusões de óptica. Mais uma vez foi possível perceber e dialogar sobre como o Audiovisual sempre é apenas uma representação do real que pode ser distorcida de acordo com a vontade de seus realizadores. Diálogos como esse são muito importantes, visto que em uma sociedade como a nossa os meios de comunicação também são usados para controlar a opinião das pessoas.

O filme *Piano* (2017) de Rafael Ferrari apresentou a elas uma poética relação entre imagem e som e abriu espaço para dialogarmos sobre o lugar do som no Cinema, assim como já havíamos conversado com os filmes do McLaren.

Na sessão dos filmes da MUMIA tivemos uma experiência interessantíssima com o filme *Fazendinha* (2018) fruto de uma oficina de Animação direta na película coordenada pelo professor de Cinema Sávio Leite, que também é cineasta e criador da MUMIA. Visualmente o filme é abstrato mas possui uma composição sonora que Murray Schafer consideraria como “paisagem sonora” do campo. Nessa paisagem temos sons de natureza e animais. Curioso foi constatar que diversas crianças disseram ter visto uma vaca, pois na paisagem sonora havia, mas na “paisagem visual” não havia qualquer imagem que pudesse se comparar a uma vaca. A Mostra MUMIA, que acontece em Belo Horizonte, tem um papel importantíssimo na história do Cinema de Animação Brasileiro, com uma proposta de curadoria onde todos os filmes enviados são aceitos. Uma porta para o Cinema independente e um canal para diversidade. (LEITE, 2013, p. 457).

Sobre algumas possibilidades de uso do som no Cinema, assistimos e conversamos sobre o trabalho dos grupos de música GEM - Grupo Experimental de Música¹³ e Stomp¹⁴ que fazem música com objetos do cotidiano, como latas de lixo, vassouras, rodas de bicicleta, canos, entre outros. Vimos também o trabalho do grupo Barbatuques¹⁵ que usam o corpo para produzirem sons e música. As crianças se mostraram muito contagiadas pelo trabalho desses grupos. Ainda se surpreenderam com um vídeo mostrando como é feita a sonoplastia em um filme e com a ideia de os sons são criados depois do filme pronto. Exercícios como esse geralmente dão resultados muito interessantes, mas nas oficinas práticas não tivemos tempo para produzir os sons dos filmes que realizaram.

A partir de uma experiência tão rica como essa, como podemos, enquanto educadores, acreditar que os filmes que entram em uma escola devem ser somente filmes comerciais, pensando que é só disso que elas gostam? Será que escolhas assim são feitas em função do gosto que educadores julgam que as crianças têm ou

¹³ Página do Facebook do GEM - Grupo Experimental de Música. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/grupoexperimentaldemusica>>. Acesso em: 10 set. 2018.

¹⁴ Site oficial do Grupo Stomp. Disponível em: <<http://www.stomponline.com/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

¹⁵ Site oficial do grupo Barbatuques. Disponível em: <<http://barbatuques.com.br/pt/>>. Acesso em: 10 set. 2018.

será o gosto deles? O que a escola ganha promovendo esses produtos massificados?

O educador talvez diga que são mais fáceis de encontrar, mas como já mencionamos é mais fácil encontrar conteúdo artístico de acesso livre na internet do que produtos comerciais de acesso livre.

É preciso reconhecer que também é possível estabelecer relações interessantes com filmes comerciais, mas o essencial para a formação da criança é estimular o contato com a diversidade e para além do que elas já conhecem.

OFICINA PRÁTICA DE CINEMA EXPERIMENTAL NO CENTRO PEDAGÓGICO

Para a realização das oficinas práticas com técnica de Animação de grãos utilizamos materiais, equipamentos e aplicativos de fácil acesso, para mostrar às crianças que essas atividades podem ser reproduzidas em casa com muita facilidade, precisando apenas de acompanhamento de algum adulto.

Escolhemos a Animação com borra de café (sobra do pó de café depois de coado, que fica molhado e é usado para a Animação depois de secá-lo completamente) inspirados no trabalho da Animadora Svetlana Filippova¹⁶, que é semelhante à técnica de Animação em areia. Usamos também canjiquinha de milho que já seria descartada por estar vencida e que já tinha sido até comida por bichos.

Usamos os aplicativos *Estúdio Stop Motion*¹⁷ e *PicPac Stop Motion & TimeLapse*¹⁸, celulares com câmera fotográfica, cabos de vassoura e régua de madeira como suporte para estabilizar os celulares.

¹⁶ Site oficial da artista Svetlana Filippova. Disponível em: <<http://filippovas.wixsite.com/artist/blank>>. Acesso em: 10 set. 2018.

¹⁷ Página virtual da Google Play para download do aplicativo Estúdio Stop Motion. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.cateater.stopmotionstudio&hl=pt_BR>. Acesso em: 10 set. 2018.

Fizemos também Animação em película cinematográfica, que foi doada pelo professor e artista mineiro Sávio Leite, e cadernos animados com folhas de papel. Para apagar as imagens que haviam na película e deixá-la transparente para as crianças usarem, ela foi lavada com cloro antes das crianças terem contato com ela. Para pintar foram usadas canetas permanentes e tinta comum. Com o tempo a tinta comum soltou da película, ao contrário da tinta da caneta permanente.

Em atividades assim é interessante perceber o afeto que as crianças desenvolvem com os filmes que realizam. Por mais abstratos ou com problemas técnicos que eles fiquem, as crianças se mostram extremamente envolvidas com os filmes depois de prontos. Sendo assim, cabe aos educadores algumas reflexões sobre quais filmes levar para sala de aula. No lugar dos filmes comerciais podemos realizar nas escolas sessões com os filmes que os próprios alunos produzem. Algo que pode provocar um impacto relevante na formação de crianças ao receberem de toda escola o reconhecimento pelo seu trabalho e ao compartilharem suas emoções e ideias através dos filmes. Acreditamos que a produção e exibição de filmes feitos pelas crianças na escola e fora ela, pode criar uma relação mais dialógica entre eles e a comunidade escolar.

Sobre atividades onde as crianças aparecem no filme importa refletir sobre a privacidade delas, pois mesmo que a escola tenha autorização de uso de imagem e voz das crianças, prévia ou posterior, é preciso considerar que a criança também tem seus desejos e necessidades e que sua opinião deve sempre ser consultada e considerada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Mostra de Cinema Experimental assim como a liberdade de criação apresentada nos filmes exibidos, foi possível perceber que é preciso que haja também liberdade na forma como o espectador irá assistir os filmes, ainda mais no caso das crianças. Observamos que as crianças menores estabelecem uma relação mais lúdica e dialógica com os filmes. Elas conversam com a narrativa, elas reinventam nomes

¹⁸ Página virtual da Google Play para download do aplicativo Pic Pac Stop Motion & Timelapse. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=tv.picpac&hl=pt_BR>. Acesso em: 10 set. 2018.

para as formas que surgem, elas recriam uma relação com as imagens em movimento: não passiva e nem silenciosa. Foi possível perceber que algumas crianças ficaram inquietas de tão imersas que estavam nos filmes, e acabaram por se imaginarem dentro deles. Algumas responderam ao estímulo estético do filme com todos os seus sentidos, aproveitando todo o potencial do filme enquanto objeto artístico múltiplo como já apontava Martin (2005, p. 31).

Sabemos que o costume de fazer silêncio na sala de cinema compõe o que chamamos de cultura de espectador. O hábito de fazer silêncio e concentração durante os filmes que já foi absorvida pelas crianças maiores. Observamos que elas querem compreender a narrativa e o desenlace da história dos filmes e talvez por isso silenciem e fiquem atentas.

De modo geral, para essas crianças e assim como para nós adultos, os filmes acabam por ser um estímulo predominantemente visual, se a relação entre som e imagem não for pensada como dois registros distintos que podem ou não estar sincrônicos, por exemplo. Os filmes que não propõem uma relação inventiva entre som e imagem, acabam por neutralizar a potencialidade fílmica e formar espectadores mais insensíveis ao estímulo sonoro do filme.

Para as crianças menores a intensidade das conversas e níveis de interação entre elas não foi um problema para a exibição. Mesmo nos momentos de mais barulho foi possível perceber que elas se comportaram assim em função do “incômodo” provocado pelos filmes.

[...] a arte não pode depender unicamente do ensino, no sentido tradicional de disciplina inscrita no programa e na grade curricular dos alunos [...] A arte, para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo de desordem. A arte é por definição um elemento perturbador dentro da instituição. (BERGALA, 2008, p. 29-30).

Para nós adultos, acostumados com a postura de assistir filmes sempre quietos e atentos, o comportamento das crianças parece caótico e prejudicial e acabamos tentando moldar a forma como elas estabelecem esse contato. Identificamos nas exibições que cada uma estabelece sua recepção e percepção do filme e que quando o ambiente interfere na recepção elas acabam gerando uma recepção coletiva e dinâmica que para elas soa como brincadeira.

Como apontado por Fusari (2014, p. 180), percebemos que além das brincadeiras e brinquedos apresentados pelo audiovisual comercial, seja na TV, cinema ou outros meios, podemos estabelecer situações onde a brincadeira seja o próprio momento de assistir o filme.

Concluimos que em futuras Mostras será preciso pensar em também formas de exibição distintas do modelo padronizado pela indústria. Criar exposições onde possam perceber os filmes através da visão, audição, tato e talvez também do olfato e paladar. Isto também significa aceitar e se abrir para os desafios didáticos que surgirão de tais propostas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BERGALA, Alain. A hipótese-cinema. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Lei n.º 13.006 de 26 de junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF: [s.n.], 26 jun. 2014. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=27/06/2014>>. Acesso em: 10 set. 2018.

DUARTE, Rosália; ALEGRIA, João. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. Educação & Realidade, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan./jun., 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6687/4000>>. Acesso em: 10 set. 2018.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari. Encontros com arte e cultura. São Paulo: FTD, c2012. 224 p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 189 p.

FRESQUET, Adriana. (org.). Cinema e educação: a Lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015. Disponível em: <http://www.redekino.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

_____. Brincadeiras e brinquedos na TV para crianças: mobilizando opiniões de professores em formação inicial. In: KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEITE, Sávio. (org.). Subversivos: o desenvolvimento do cinema de animação em Minas Gerais. Belo Horizonte: Favela é Isso Aí, 2013.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. Lisboa: Donalivro, 2005.

SCHAFER, Murray Raymond. O ouvido pensante. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1992.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. Psicologia pedagógica. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 561 p.